minibiografia

Hercule Florence

(1804-1879)

Anotações sobre o aventureiro, inventor, desenhista, escritor, educador e fazendeiro ítalo-franco-monegasco que participou da Expedição Langsdorff entre 1826 e 1829 e nunca mais deixou de viver no Brasil.

Por Antonio Florence

— Tetraneto de Hercule Florence e fundador do Instituto Hercule Florence (IHF)

Em 20 de janeiro de 1833, em Campinas, interior de São Paulo, Hercule Florence e o farmacêutico Joaquim Corrêa de Mello se debruçam sobre uma imagem que – pela primeira vez na história – foi chamada por eles de "photographie". A imagem resultante da combinação entre uma câmera escura idealizada e construída por Hercule e da aplicação de um elemento fotossensível sobre papel pelo farmacêutico Joaquim Corrêa de Mello foi produzida sete anos depois da famosa vista da janela de Niépce, de 1826, e seis anos antes do anúncio por Arago da invenção de Daguerre em janeiro de 1839.

Mas a história de Hercule vai muito além de seus inúmeros inventos. Inspirado no romance Robinson Crusoe de Daniel Defoe e no "*Histoire Philosophique et Politique des Établissements et du Commerce des Européens dans les deux Indes*" do Abade Raynal, ambos do século XVIII, sonhava em dar a volta ao mundo, navegar por todos os Oceanos, sonho comum aos jovens de sua época.

Para contextualizarmos seus sonhos e o "zeitgeist" da época em que viveu voltemos à gestação de Hercule. A união entre Arnaud Florence e Augustine de Vignalis, seus pais, tem início na Revolução Francesa. Arnaud, cirurgião-mor e artista, nascido e criado em Toulouse, se integrou ao Exército Revolucionário francês na marcha para a costa mediterrânea para, entre outras conquistas, depor o príncipe de Mônaco. O pintor oficial do príncipe deposto era Claude Vignalis, pai de Augustine, avô de Hercule.

Aqui começam algumas especulações. A chegada de Arnaud a Mônaco antes do exército invasor para se casar com Augustine pode fazer supor que o casamento já estivesse encomendado. Pode ser que os noivos já se conhecessem.

Arnaud, ele mesmo artista premiado, foi membro da comissão organizadora das mostras anuais da Academia de Pintura, Escultura e Arquitetura de Toulouse, que, juntamente com Paris, ostentava o título de Academia Real, talvez já tivesse conhecido Claude, e talvez mesmo a própria Augustine. Por ser o pintor oficial da corte monegasca, politicamente seria interessante para Claude casar a filha com um membro do exército revolucionário, o que lhe poderia servir como salvo conduto na recém-inaugurada República Francesa.

A família de Augustine era de artistas; além de seu ilustre pai, seu irmão Jean-Baptiste ganhou, em 1781, o prêmio da Academia Real de Pintura e Escultura da França e, por isso foi aceito na Academia Francesa em Roma, onde estudou custeado pela generosidade do Principe de Mônaco Honoré III e onde muito provavelmente conheceu Nicolas Taunay (pai de Adrien e Félix) e o próprio David, o pintor napoleônico. Um primo e uma antepassada também foram artistas importantes na diminuta corte monegasca. Jean-Baptiste reputado, com o sobrinho Philibert Florence e com Jean-François Bosio, entre os principais artistas monegascos de seu tempo.

O casal Arnaud e Augustine se estabeleceu em Nice e começam a ter filhos. Arnaud e o cunhado, Jean-Baptiste são contratados para lecionar desenho na escola republicana (revolucionária) local.

Hercule é o terceiro filho sobrevivente do casal, que perdera dois nos primeiros anos de casamento. Nascido em Nice em 28 de fevereiro de 1804, não conheceu o avô Claude ou o tio Jean-Baptiste. Nice, pertencente ao Ducado de Saboia, já então Reino da Sardenha, antes da invasão francesa, havia sido anexada como parte do território dos Alpes Marítimos da França em janeiro de 1793. Aos três anos morre seu pai e a mãe volta com a prole para a casa materna nas redondezas do castelo dos Príncipes de Mônaco. O Príncipe Honoré IV é conduzido ao trono do Principado em 1814, depois do hiato causado pela deposição de seu pai pelo Exército Revolucionário Francês. Portanto, até 1814 Hercule fazia parte do Império Francês, a partir daí passa a ser súdito do minúsculo Principado.

Com ímpetos de deixar o Principado, aos 16 anos, sua mãe lhe dá algum dinheiro, com o qual embarca em um navio para Antuérpia, onde procura, mas não consegue, um emprego. Sem dinheiro, volta para Mônaco a pé, e no final da viagem consegue vender alguns desenhos e com os recursos retornar a Mônaco. Como seu documento de identidade monegasco não é aceito em território francês, ele é preso, mas solto por ter desenhado um retrato para um dos guardas seus captores. As ideias liberais já lhe eram simpáticas. Admira Napoleão e sua capacidade de destronar monarquias absolutas. Mas, como escrito acima, foi o romance de aventuras *Robinson Crusoé*, escrito por Daniel Defoe, que levou Hercule a sonhar com uma viagem de aventuras como as idealizadas pelos jovens de seu tempo.

Por tudo isso, em 1823, o Almirante De Rosamel permite que ele, aos 19 anos, embarque na fragata francesa de guerra *Marie-Thérèse*, partindo de Toulon a bordo dela rumo ao Rio de Janeiro. O almirante de Rosamel indica no livro de bordo da fragata haver Hercule desembarcado no Rio de Janeiro devido a doença, mas na realidade lhe havia arrumado emprego com Charles-Edoard Dillon em sua loja de tecidos. Nascido em família de artistas aprendeu a desenhar e pintar sozinho (o que deixa transparecer em seus traços quase modernistas, nada acadêmicos). A seguir, da loja de tecidos passou a trabalhar na tipografia de Pierre Plancher. Chega-lhe então a notícia de que o Barão de Langsdorff necessitava de um segundo desenhista/retratista para sua planejada expedição científica, que começaria pela rota das Monções que saíam de Porto Feliz (SP) em direção a Cuiabá (MT) e de lá seguiria para a Bacia Amazônica, chegando à nascente e depois à foz do mais portentoso de todos os rios do planeta, o Amazonas.

Langsdorff foi sem dúvida uma das grandes personalidades do século XIX. Médico e naturalista, participou da primeira circum-navegação russa, viveu muitos anos em Lisboa, daí seu português fluente, além de ter sido o primeiro a catalogar a fauna e a flora da região do cabo Fligely. Em reconhecimento aos serviços prestados à Coroa, o czar Alexandre I concede-lhe a cidadania russa e o nomeia cônsul (correspondente a embaixador nos dias atuais) de todas as Rússias perante o Império do Brasil. Em sua viagem ao redor do mundo, Langsdorff havia estado em Santa Catarina e encantou-se intensamente com a natureza brasileira. Propôs por isso ao czar Alexandre I a empreitada de uma grande expedição da qual fariam parte especialistas como o botânico Riedel e o astrônomo Rubtzov, além de artistas como Rugendas e, posteriormente, Adrien Taunay. Adrien, homem belíssimo, artista de talento indizível e aventureiro de mão cheia, já havia também ele próprio tentado a circum-navegação.

Em 1816, antes da partida da Expedição, o barão comprou uma fazenda, de nome Mandioca, ao pé da Serra da Estrela (continuação da Serra dos Órgãos), no Rio de Janeiro, em plena Mata Atlântica. Nela montou um lindo jardim botânico e uma biblioteca e criou um pequeno museu da fauna e da flora local. Por ser avesso à escravidão, trouxe colonos alemães e suíços para trabalharem na propriedade. A Fazenda Mandioca se transformou num lugar de festas e num ponto de encontro de naturalistas, desenhistas, viajantes estrangeiros e intelectuais. Nela se planejaram várias das expedições às terras desconhecidas do Brasil.

Na primeira fase da Expedição, Rugendas rompeu com o Barão e se apropriou indevidamente dos trabalhos realizados sob a ordem da Coroa russa; ele volta à Europa e enriquece produzindo uma edição luxuosa sobre o Novo Mundo. Ressabiado com as desavenças, Langsdorff decide levar mais um desenhista, além de Adrien Taunay, que já estava contratado. Face à tenra idade e às suas limitações como desenhista ou cartógrafo, imaginamos que o Barão aceitou o jovem Florence porque seu tio Jean-Baptiste teria provavelmente conhecido o pai de Adrien em Roma, o que teria levado Adrien a dar, dele, boas referências ao Barão. Mas essas são apenas especulações. O mundo àquela altura era ainda menor do que hoje.

Uma vez contratado pelo próprio Barão, e não oficialmente como fazendo parte da Expedição, Hercule é designado por Langsdorff para dirigir-se a Porto Feliz com o intuito de iniciar os preparativos da Expedição, e hospeda-se na casa do cirurgião-mor e político Francisco Alvares Machado e Vasconcellos. Maior tribuno de sua geração, Alvares Machado é dono de uma biografia encantadora. Homem letrado, cirurgião precoce e bem-sucedido ele praticamente organiza a Expedição. Da construção das pirogas à seleção dos mateiros, carregadores e guias, tudo tem sua mão.

A empatia entre Hercule e Alvares Machado foi imediata. Passam dias e noites trocando ideias sobre tudo, especialmente literatura. Alvares Machado apresenta Hercule a grandes poetas e escritores portugueses, e juntos vão lembrando também dos italianos Dante e Petrarca e dos autores franceses que Hercule estudara precariamente durante a juventude. Treze anos mais novo do que seu anfitrião, Hercule nele encontra o companheiro e mentor do sexo masculino que perdeu no avô, no tio e no pai, mortos, além, é claro de seu

irmão Fortuné, com quem teve triste e sofrida despedida em virtude do imenso amor fraterno que os unia.

Em Porto Feliz, Hercule também conheceu aquela que lhe daria numerosa prole, a meiga e encantadora Maria Angélica, então com 11 anos. Cercada de cuidados pelos pais, era uma verdadeira princesa no interior do Brasil. Após retornar da longuíssima expedição ele vai a seu encontro e os dois se casam no início de 1830, ela aos 16, ele aos 25 anos.

A expedição se inicia em 1826 com Langsdorff, Riedel, Rubtzov, Taunay, Florence e, para surpresa de todos, Guilhermina, a jovem prima e esposa do Barão Langsdorff, única mulher no grupo e que seria o centro de desavenças entre alguns dos viajantes, em especial Adrien Taunay.

Ao contrário dos expedicionários que o antecederam e sucederam, Langsdorff decide utilizar para sua aventura científica o já decadente caminho das Monções, que saía do ancoradouro do Tietê em Porto Feliz para então subir os rios até Cuiabá, num roteiro utilizado desde o século XVI por bandeirantes, exploradores, militares e comerciantes. Repleto de corredeiras, quedas d'agua e algumas cataratas, o caminho era difícil, tortuoso, e passava por regiões insalubres e pestilentas, além de obrigar os membros da expedição a levarem as canoas por terra em trechos inavegáveis. Imagina-se que o Barão desconhecia esses variados percalços e se lançou à aventura sem o preparo devido, ainda mais atrevendo-se a levar consigo sua jovem esposa.

Hercule, sem nunca ter tido uma educação artística formal, mas encantado com as obras da família (avô, tio e pai artistas) que encontrou na casa materna em Mônaco, segue desenhando na casa da família Alvares Machado. Durante a Expedição, Taunay, artista experiente, foi fundamental para a evolução artística de Hercule, e, juntos, retrataram fauna, flora, tipos humanos e paisagens.

Entretanto, o gênio forte do Barão e a presença perturbadora de sua esposa, somados aos percalços naturais do trajeto, cobraram alto preço. Em Cuiabá o Barão envia a esposa, grávida – sabe-se lá se do próprio Barão, de Adrien ou de outro – por terra para o Rio de Janeiro, onde ela vem a dar à luz. Por razões apenas imaginadas, mas nunca comprovadas, foi devido às desavenças no grupo provocadas pela presença de Guilhermina que o Barão envia Riedel e Taunay à frente dos demais em direção ao Pantanal. Lá, seja por ousadia, voluntarismo ou frustração amorosa, Taunay se joga com seu cavalo nas caudalosas águas do Guaporé durante uma tempestade, e morre afogado. O jovem talento de 23 anos deixou para sempre a lembrança de sua beleza estonteante e das lindas obras que produziu durante sua curtíssima vida. A notícia de sua morte abateu a todos.

O outro grupo, composto pelo Barão, Rubtzov e Hercule, é acometido de incessantes febres, que custam ao Barão o juízo mental. Ele sucumbe, não tem mais condições de conduzir sequer a si mesmo, quanto mais uma expedição dessa aspereza e complexidade. Chegam arrasados a Belém do Pará. Hercule consegue ainda escrever algumas linhas sobre esse segundo trajeto, além de retratar povos originários da Bacia Amazônica. Voltam todos acabrunhados ao Rio de Janeiro.

A todas essas fatalidades juntava-se a morte de Alexandre I, grande incentivador da empreitada. Seu

sucessor, Nicolau I, envolto em questões europeias, não nutre o mesmo interesse por terras sul americanas e decide não manter o financiamento da expedição após o retorno do grupo ao Rio de Janeiro em 1829. Nem sequer convoca seus participantes a São Petersburgo, para onde fora enviado todo o acervo recolhido, de modo a documentarem e organizarem o que esses destemidos expedicionários coletaram, em conjunto com outros especialistas russos. O acervo permaneceu intocado na reserva do Museu de História Natural Pedro o Grande, a Kunstkamera de São Petersburgo, até a primeira metade do século XX. Pela falta de interesse do novo Czar ficou a impressão de fracasso da empreitada, o que é um ledo engano. O material recolhido e as aventuras vividas foram de riqueza ímpar. O acervo russo é monumental. Resta ainda, até os dias de hoje, ser devidamente estudado e publicado.

De volta ao Rio de Janeiro, Hercule tem aulas de pintura com o irmão de Adrien, Félix Taunay, na Academia Imperial de Belas Artes, onde Félix se tornará diretor em 1834. Entrega a ele um manuscrito com um relato da viagem, que fica guardado durante muitos anos até ser encontrado pelo filho de Félix, o Visconde de Taunay, que entra em contato com Hercule solicitando autorização para traduzí-lo e publicá-lo, o que acaba acontecendo entre 1875 e 1876 na revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, dando assim publicidade inédita à Expedição.

Manifestado o desinteresse da Coroa russa em tomar qualquer iniciativa relativa aos expedicionários e ao acervo coletado, Hercule decide ficar no Brasil e se casa com Maria Angélica, passando a residir em São Paulo até o sogro, Alvares Machado, entregar a seus cuidados uma loja de tecidos em Campinas, à época ainda Vila de São Carlos.

Ao longo da Expedição, Hercule se encantou com o variado e riquíssimo som dos animais. Decidiu encontrar uma fórmula que permitisse sua reprodução mecânica. Alterou a tradicional partitura musical e começou a "escrever" o som de animais vertebrados e invertebrados. Ainda no Rio encomendou à Tipografia de R. Ogier a impressão de seu *Recherches sur la voix des animaux ou essai d'u nouveau sujet d'etudes offert aux amis de la Nature*. Só depois deu à técnica o nome de Zoofonia, hoje mais conhecida por Bioacústica. Descreveu-a algumas vezes e, fixado em São Carlos, quis continuar a reproduzir o pequeno manual onde a técnica era ensinada passo a passo. Mas São Carlos não dispunha de meios para reproduzir esse pequeno libreto. Foi então que Hercule iniciou seus experimentos na área da tipografia, desenvolvendo inicialmente dois ramos principais, a poligrafia e a fotografia, a primeira por contato, a segunda por reação química a partir da ação da luz.

Hercule chega à primeira foto em 20 de janeiro de 1833, como já contamos. Envolto em poéticas reflexões sobre o papel do artista – se somente com a luz a natureza poderia ser retratada –, e vendo-se impossibilitado de realizar a reversão do negativo para o positivo (devido aos parcos recursos de que dispunha) ele possivelmente decidiu utilizar a técnica tão somente para a reprodução de documentos, como diplomas maçônicos e rótulos de farmácia, utilizando uma chapa de vidro como "matriz". Era capaz de produzir dezenas de cópias por dia com esse método.

Com a família constituída e um meio de sustento garantido pelo sogro, ele se voltou mais e mais àquilo

que lhe interessava: seus inventos, principalmente na área gráfica, incluindo a poligrafia, a fotografia e muito mais tarde a pulvografia. Além disso, dedica-se à produção de retratos de conhecidas personalidades e em retratar fazendas, terreiros de café e moendas de cana da região de Campinas, Itu e Sorocaba.

Por força da enorme influência política do sogro, ele acaba imprimindo, em máquinas compradas por ambos de uma tipografia falida do Rio de Janeiro, o que viria a ser o primeiro jornal do interior da província de São Paulo, *O Paulista*, cujo único propósito era servir de palanque para os planos revolucionários levados a cabo pelo ex-regente Padre Feijó, então no exílio em Sorocaba depois da queda do gabinete liberal. Feijó e o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar armaram as Revoltas Liberais de 1842. Perseguidos por Caxias, Hercule enterra as máquinas impressoras na estrada entre Itu e Sorocaba e, para não ser preso, esconde-se na fazenda de amigos. Depois dessa derrota, o amado sogro adoece e vem a falecer em 1846, aos 55 anos de idade. Hercule não volta a se envolver com política.

Com a morte de Francisco Alvares Machado, depois de Maria Angélica e por fim da sogra, os filhos de Hercule com Maria Angélica herdam terras e escravos da avó e Hercule deles se utiliza para garantir o sustento da numerosa prole. Depois de sua última malsucedida gravidez, Maria Angélica não se recupera e acaba por falecer em 1850, aos 35 anos, deixando oito filhos vivos e um viúvo de 46 anos (de treze gestações da primeira esposa, apenas cinco crianças sobreviveram a Hercule).

Avesso à escravidão, Hercule segue o exemplo do poderoso senador Nicolau de Campos Vergueiro e emprega famílias de suíços na propriedade de seus filhos à qual ele deu o nome de Soledade. A empreitada foi tão bem-sucedida que, com os recursos obtidos, os próprios colonos adquirem terras e se tornam senhores de seus próprios cafezais. Hercule precisa, então, mesmo a contragosto, seguir recorrendo à mão de obra disponível, a escrava.

Amigo do rico farmacêutico alemão Jorge Krug, Hercule, já com 50 anos e oito filhos entre 23 e 7 anos de idade, casa-se em 1854 com Carolina Krug, a jovem irmã de Jorge, à época com 26 anos. Essa mulher extraordinária, independente e feminista para a época, que herdou os oito filhos de Hercule e com ele teve outros sete, era pedagoga educada no método Pestalozzi e professora em Altona, um subúrbio de Hamburgo, Alemanha. Ela veio para o Brasil acompanhando a família, pois seu pai teve seus negócios prejudicados pelas revoltas liberais de 1848 e decidiu juntar-se a Jorge, o filho mais velho e bem-sucedido no Brasil, trazendo com ele a esposa e o restante da prole.

O casamento é decidido e Carolina, ou Lina, como era carinhosamente chamada, assume o esposo viúvo e sua numerosa prole. E logo começa ela mesma a ter seus sete filhos, sendo que todos chegaram à idade adulta e a maioria estudou na Europa.

Nove anos depois, aos 35 anos, Lina realiza seu grande sonho e maior desafio: funda o Colégio Florence para moças em Campinas. Laico, com professores da qualidade de Rangel Pestana, João Kopke e vários europeus, ela e seu corpo docente transmitiram durante três décadas valores e princípios liberais às matriarcas das principais famílias da província de São Paulo e arredores. Visitado duas vezes por

D. Pedro II, suas alunas mais virtuosas recebiam regularmente bolsas de estudo do imperador para aperfeiçoarem seus dons na Europa.

Já Hercule, depois de escrever até os 55 anos de idade seus dois textos autobiográficos, um deles acessível aqui no site: https://www.ihf19.org.br/lami, dedica-se até o final da vida às questões administrativas do Colégio, a nele também dar aulas de desenho, a administrar suas plantações de café, que incluíam a Fazenda Soledade, de seus filhos com Maria Angélica, e outra adquirida por ele e, por fim, a também ajudar na criação da numerosa prole.

Em 1855 faz sua única viagem de volta à Europa para despedir-se da mãe octogenária em Mônaco, e aproveita para rodar por Londres e Paris antes de voltar à pacata e tranquila vida campineira, onde morreu em 1879, aos 75 anos.

O Colégio luta contra a febre amarela que dizimou grande parte da população campineira, muda-se para Jundiaí, onde em 4 de abril de 1928, já há muito não mais sob a direção de Lina, foi transformado em Escola Normal Livre.

Nas primeiras décadas do século XX, Visconde de Taunay, diretor do Museu Paulista, nomeou Hercule como "Patriarca da Iconografia Paulista" e escolheu quase cem dos seus desenhos para serem reproduzidos por diferentes artistas, criando salas temáticas e grandes painéis sobre temas trabalhados por ele.

Pietro Maria Bardi, curador do MASP, que produziu duas exposições e um livro sobre a Expedição Langsdorff, deu a Hercule a alcunha de "da Vinci dos Trópicos".

A Zoofonia, ou (hoje em dia) a chamada Bioacústica, método para reproduzir os sons dos animais de uma forma universal, acaba de possibilitar a descoberta de uma nova espécie de sapo – é um exemplo de como o uso dos sons dos animais pode contribuir para a descoberta da biodiversidade. Em homenagem a Hercule e sua Zoofonia, o sapinho ganhou o nome de *Pseudopaludicola florencei*.

Três das fotos produzidas por Hercule na década de 1830 – duas utilizando cloreto de ouro e a outra nitrato de prata – que se mantém até hoje, 190 anos depois, foram objeto em junho de 2022 de análise pelo Getty Research Institute, da Getty Foudation, em cooperação com o Laboratório Hércules – Herança Cultural e Salvaguarda - da Universidade de Évora, o Instituto Moreira Salles, a Universidade de São Paulo e o Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa. Essas análises e mais o texto de seus inúmeros diários provam quatro pioneirismos de Hercule no campo da fotografia: foi a primeira pessoa a utilizar o termo "photographie", foi o primeiro a trabalhar com ouro como elemento fotossensível, foi o primeiro a produzir material fotográfico em solo americano e foi o primeiro a utilizar amônia para fixar as imagens.

Enfim, Alvares Machado e sua esposa Cândida, Hercule e suas esposas Maria Angélica e Carolina, assim como sua prole, não só fizeram parte do Brasil oitocentista, mas ajudaram a formá-lo.